

Gaiato

Quinzenário * 16 de Janeiro de 1988 * Ano XLIV — N.º 1144 — Preço 10\$00

**PORTE
PAGO**

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Notas da Quinzena

A hora em que escrevo estas **Notas** não tenho sossego. A porta do escritório abre e fecha. Os mais pequenos correm e saltam no soalho. Digo-lhes que estou a trabalhar. Que me deixem em paz. Lá fora está a avó do Ilídio (4 anos) e do Ricardo (5 anos), mais a tia e a madrinha. Estão aflitas porque eles não param junto delas. Abrem a porta e pedem-me um beijo, mais um carro, mais um rebuçado. Não me langam!

Quero saborear convosco a alegria destes momentos. Podia «fugir» para não ser incomodado. Há tantos pais que o fazem para não «aturar» os filhos! E eles são a central onde o amor faz a unidade da família.

Sim, quero saborear convosco a alegria destes momentos. — **«Que honra e que graça de Deus, o trabalhar junto deles e gozar do seu convívio...»**

É verdade, minha senhora. Seu coração de mulher e de mãe é testemunha. Está distante de qualquer das nossas Casas. Não está livre para poder dispor da sua vida. Sente vontade de oferecer pessoalmente os seus préstimos.

Obrigado, pela sua ajuda! Primeiro, porque considera uma **honra** trabalhar junto deles. É um passo muito importante, na vida de uma pessoa, ter como uma **honra** o serviço de mãe destes filhos da rua. Quem assim pensa, não espera outra coisa senão amar. Como a mãe que dá o peito ao

filho para que tenha vida. Não vende. Dá. Dá-se, vinte e quatro horas por dia.

Se esta paixão, que tanto nos consome, movesse o coração de Deus a dar «marteladas» — como o fez a Pai Américo e às senhoras que vão queimando suas vidas em doação até ao fim...

Sim, minha senhora, que **honra** e que **graça** de Deus, como tão bem acrescenta. Sem este **dom** não se entende, nem se aprecia nem se aguenta o **serviço**, nem se **goza** do seu convívio. É uma vocação. É um caminho. É uma proposta de que Deus é o autor. Acredito firmemente que Ele não pára de chamar. E é verdadeiramente que Ele há-de ser escutado. Preparou a Mãe para Seu Filho. Como não há-de continuar a preparar mães para estes Seus filhos? Como não há-de preparar também os pais?

Ontem, ao fim da tarde, vieram dois casais com sacos de brinquedos. Conversámos um bocadinho.

— Mas como? Não sabíamos... Olhe que as pessoas não sabem... É tão fácil darmos coisas... É tão difícil dar-se a vida... Falem, falem... Escrevam, escrevam... Vão,



É um passo muito importante, na vida de uma pessoa, ter como uma honra o serviço de mãe destes filhos da rua.

Capelas imperfeitas

Quando, há trinta e muitos anos, Pai Américo denunciou as «capelas imperfeitas» que havia — e há — nos nossos grandes Hospitais pela ausência de resposta aos doentes incuráveis e sem família ou o mínimo de condições para viverem dignamente os dias que lhes restassem, não descobriu nada que não fosse conhecido; apenas assumiu a consciência do dever inadiável de dar essa resposta — e deu-a.

Aliás, a ideia do Calvário está latente no seu pensamento e aflora, aqui e ali, nos escritos ainda do tempo de Coimbra, quando a sua vida era um «caótico andar por lá...». O mesmo se pode dizer do problema da habitação. E se a sua atenção se debruçou primeiramente sobre os rapazes, filhos de ninguém, foi porque não eram possíveis todas as acções ao mesmo tempo e Deus lhes foi amadurecendo pela ordem que quis, para a colheita dos frutos na hora precisa.

O que é de notar — e consola-nos fazê-lo — é que este assumir de consciência está hoje emergindo ao nível da

própria instituição hospitalar, da inteligência e do coração de médicos, paramédicos e voluntários que ali servem. A resignação acerca da cama indevidamente ocupada por um doente a quem a medicina não tem mais que fazer do que mantê-lo na melhor qualidade de vida compatível com os seus recursos, não é atitude sustentável indefinidamente. A decisão de pôr o doente na rua, abandonado à sua sorte, essa ainda mais dolorosa para ambas as partes, porque viola os direitos humanos. Então, quê? Dar corpo à solução possível: um Lar onde ao doente seja garantida essa qualidade de vida a que tem direito e a sociedade lhe deve, quer pelo apoio médico e paramédico que for necessário, quer pelo apoio afectivo de familiares e dos voluntários que suprem a sua falta. A cama do hospital fica disponível para a cura de outro doente — que é a sua função. E a consciência dos responsáveis fica tranquila pelo dever cumprido.

Esta pequenina unidade (que

Cont. na 3.ª pág.

vão pelas nossas comunidades...

Ao cimo da escada, apareceu o Ilídio. Foi o argumento da nossa conversa. Ele dava-me força. Convencia. As pessoas mergulharam. E foram-se embora com o recado. Este ano

foi a nossa prenda de Natal para quem nos visitou.

Apetece-me completar a resposta dos dois casais: «Escutem, escutem Deus que chama».

Padre Manuel António

AQUI, LISBOA!

«O GAIATO tem poucas notícias sobre as vossas actividades. Porquê? Gosto de saber o que se passa aí.» (Uma Leitora)

As palavras acima referidas denotam de maneira inequívoca o interesse e o carinho dos Leitores pelo que se passa nas nossas Casas. Tal facto estimula o agir e o compromisso dos que são responsáveis.

No último número d'O GAIATO falámos do aniversário desta Casa, dos projectos em carteira e das preocupações que nos invadem. Hoje, na sequência do já expresso, queremos inferir mais alguns aspectos da vida da Comunidade.

Intra-muros, para uma popu-

lação de 130 jovens, os grupos etários distribuem-se, em linhas gerais, do seguinte modo: 40, dos 3 aos 10 anos; 52, dos 11 aos 16 anos; 20, dos 17 aos 20; e os restantes com mais de vinte primaveras, dos quais 9 trabalham dentro ou fora, com as respectivas remunerações pecuniárias. Dos mais velhos há quatro jovens que aguardam a incorporação nas Forças Armadas.

Na aldeia há seis grupos habitacionais, dos mais velhos aos mais novos, cada qual com os seus chefes privativos. Na casa-mãe, onde vivem as senhoras, residem os 11 mais pequeninos e o respectivo guia; no velho palácio patriarcal têm lugar os mais idosos,

em número de oito. Para cada «família» há salas comuns, de convívio, quase todas com televisão, dispoendo ainda de sanitários e de balneários com água quente sempre disponível, a gás, termoacumulador eléctrico ou energia solar. Tirando o caso das instalações dos mais pequenitos, em cada quarto, aliás espaçoso, o número de camas não excede nove.

Na chamada «casa-mãe», o coração da Casa, para lá das crianças já referidas e das senhoras devotadas à Obra, estão situados os serviços centrais de alimentação (cozinha, refeitório, despensas e respectivos anexos de armazéns e

Cont. na 4.ª pág.

PELAS CASAS DO GAIATO

Miranda do Corvo

ANO NOVO — Enquanto na vida das nações se notou a importância das negociações sobre material bélico, noutras continua o tiroteio! Também noutras locais, a fome. Paralelamente, às escondidas ou não, houve quem desse a mão ao necessitado.

Visualizemos o que toca à Obra da Rua:

Em 1987, celebrámos o Centenário do Nascimento do Pai Américo. Neste salão ou naquele, com mais ou menos palestras, ficaram palavras, semente que cai em terra boa. Desde a fundação da Obra da Rua que esta sementeira não deixou de se fazer. Na realidade, o que se pretendeu, foi: ajudar a construir mais casas para os sem-casa; oferecer um remendo de família ao rapaz para, futuramente, ser um "homem"; partilhar com os incuráveis até à morte — digna!

No ano findo recebemos muitas visitas, ansiosas por nos conhecerem e partilharem conforme as suas capacidades.

Os pedidos para acolhermos rapazes foram constantes! Outros seguiram aos seus destinos.

A Obra da Rua continuará impelida no seu humilde trabalho, olhando e estando atenta ao Próximo que necessita de amparo.

Feliz Ano Novo!

Guido

Pai Américo e o Barredo

Embora a sua principal preocupação tenha sido a criança abandonada, Pai Américo não deixava de dedicar grande parte do tempo aos Pobres e doentes espalhados pelo País, especialmente do Barredo.

Aquando da nossa estadia no Lar do Gaiato, no Porto, acompanhámos Pai Américo nas suas idas ao Barredo. Estão gravados, na nossa memória, momentos inesquecíveis do muito amor que tinha àqueles irmãos da Ribeira.

Estou a vê-lo subir, com muito sacrifício, enormes escadarias de madeira, quase podres, para ir a um sótão ver um chefe de família tuberculoso ou uma viúva cancerosa.

Parava duas ou três vezes para descansar; e arrancava, de novo, até chegar ao leito do doente. Chegado, sentava-se e conversava. Nem sempre o dinheiro resolve os nossos problemas! Aqueles doentes, para além da ajuda monetária, também necessitavam da palavra amiga, de Pai Américo. Ao verem surgir aquele vulto, vestido de negro, os olhos daquela boa gente ficavam inundados de lágrimas de alegria e satisfação.

Quando, de novo, descia as escadas esburacadas, a ponto de lhe estendermos a mão para se apoiar, Pai Américo vinha triste porque sentia, no coração, o sofrimento dos seus doentes; porque não se conformava ver morrer, aos poucos, um nosso irmão, sem que algo pudesse fazer para atenuar o sofrimento, já que

a morte mais dia menos dia o esperava.

Pai Américo dizia que aqueles nossos irmãos precisam de um lugar onde, nos últimos dias, tivessem uma cama lavada, uma refeição quente e ar puro para respirar. Enquanto não o arranjou, não descansou: aparece o Calvário como última dádiva de Pai Américo àqueles a quem muito amou e muito o amavam — os doentes incuráveis.

Carlos Gonçalves

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

■ Recebemos um SOS, d'algures. Só aguardámos tempo livre para a peregrinação.

Era um dia de Inverno. Prados verdinhos; água farta, nas leiras; cascatas nos montados, em sinfonia permanente.

Na vereda topamos alguém que saúde e interpela. Curioso, deseja saber ao que iam os:

— *Andam aqui pelos outros...? A gente também pode deitar a mão.*

No Presépio, o homem da terra confirma: dar a mão aos Outros é tarefa de todos, sem distinção — quanto mais próximo for o Próximo.

PARTILHA — A frente, o assinante 1958:

«Segue um vale de correio para aquela Viúva que se viu privada de ir buscar, na criação de porcos, o 'arranjo' para salvar o lar.»

Sabes avaliar estes problemas e quanto é dura a vida destas mulheres heróicas. Toma lá um xi para todos os teus.

«Um sacerdote, de Braga», com cinco notas. Sempre a mesma discreção! Idem, da assinante 31254,

de Fiães: «Agradeço o anonimato». Oferece e agradece!

Assinante 29896/A, em vale de correio, muito escondidinha. Três vezes mais da assinante 2667, de Foz Côa. Tenha Esperança... «Por alma de meus pais», cheque da assinante 23065, de Sebadelhe. Mais uma «migalha», do Porto, assinante 44842. Também da cidade Invicta, cheque da assinante 36082, «por alma dos meus pais». A ternura da Família projectada no Além!

«Uma pequena quantia» — do assinante 35019 — «para abrilhantar o jantar de Natal, talvez daquele homem cujo salário, por vezes, não lhe chega». É, assim, a Justiça cristã!

Maria Tavares, «uma pequena ajuda para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. Destino: o que entenderem». A Caridade (letra maiúscula!) é assim mesmo.

Em vale postal, um conto do assinante 15215/A, do Bombarral. Assinante 15753, de Oeiras, «migalhinha do ano (1987) a findar». Rico compromisso — pelos Pobres! Outra «migalhinha», de Minde. Assinantes 18519 — «Eu e Ela» — de Gondomar, para o Natal dos Pobres. Cheque da assinante 34220, em silêncio, no anonimato, «se possível para uma Viúva». É bom que a problemática das Viúvas revolucione a alma de todos. Andam tão esquecidas! Que dizer dos cuidados dos primeiros cristãos, neste campo?!

Aquela Amiga, do Porto, que por aqui passa, num jacto, deixa uma oferta «em louvor do Nascimento de Jesus». Oh riqueza!

Assinante 32436, um conto, em vale de correio. Remanescente de contas, pela mão da assinante 27044. Maria Ana e Pedro: «Uma migalhinha de Natal». O costume, da assinante 19177, do Porto. «Uma portuense qualquer» cumpre o seu voto — asceticamente. Assinante 12867, três notas para as Viúvas, «dando graças a Deus por tantas bênçãos rece-

bidas». A «contribuição relativa ao 2.º semestre de 1987», fixada por Maria Teresa, de Espinho. O mesmo, da assinante 13329, do Porto. Cheque da assinante 8015, do Luso. Outro, de Mangualde: «Não quero que m'o agradeçam, pois sei quando o receberem». Metade de outro, de Cardigos. Assinante 12906, da capital do Norte, 500\$00. Mais um cheque, da esposa do assinante 32517, cuja missão é um testemunho da Família — altos e baixos — com os olhos no Céu.

Vale postal, da assinante 10978, «para melhorar a ceia de Natal» dos Pobres. Cumprimos. Cheque, da assinante 25660, de V. N. de Gaia: «Pequenina ajuda porque reparto um bocadinho para cada lado». Mais saborosa ela é!

Foz do Douro, 2.500\$00 da assinante 26512/A «para um caso urgente». Surgem assiduamente! Mais um cheque, agora da assinante 9961, de Espinho: «Invistam na 'Bolsa do Céu' em cujas transacções... fico absolutamente tranquila, pois sei que não perco um tostão». Na febre bolsista que se vive, esta açoega pode abrir os olhos a muita gente!

Alto lá! Passa alguém, da Capital (assim diz o carimbo dos CTT), com uma nota de valor incomensurável porque oferece do que lhe faz falta!

Assinante 5484, do Porto, manda o que pode e testemunha dores, mas Deus ouve os seus lamentos. Pardeilhas (Murto), partilha da assinante 28740 que, «embora para nada dê, é dada com o coração e com os olhos no Céu». Aqui está o valor!

Vinte rands, de Umbilo (África do Sul). Cheque da assinante 28966, por intenção do filho, «deficiente, mas recuperando devagarinho». Graças a Deus!

Retribuímos os votos da quadra festiva e tudo agradecemos em nome dos Pobres.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

NATAL — Em nossa Casa correu bem. Muita alegria e Paz. Melhor para os pequeninos, os que mais felizes ficam com o Natal... Houve prendas para todos. Como é habitual, um dia cheio de bons momentos.

ANO NOVO — É tradição, os que têm familiares irem visitar a família na passagem de ano. A nossa Casa ficou quase com metade da população, numa festa mais calma. Não houve nenhum problema. Tudo correu bem no aspecto disciplinar. Um ótimo começo de ano. Aproveito, desde já, para desejar aos nossos leitores um ano cheio de alegria e uma vida melhor do que em 1987.

VISITANTES — Continuamos a receber muitas visitas, apesar da chuva e do frio, principalmente na época festiva. Os visitantes são um exemplo vivo de que a Obra da Rua é admirada e amada por muita gente de todo o País. É impressionante todos os domingos ver gente nova, em nossa Casa! E quantos deles se inscrevem assinantes do nosso jornal!

ESCOLAS — Começou a segunda prova. A primeira, pelo pouco que tenho visto, não foi muito famosa. Vamos ver se, neste período, tudo corre bem. É necessário que os estudantes dêem o máximo para que ninguém sinta que perde tempo, desde os nossos Padres aos condutores que, diariamente, transportam os estudantes. Esperemos que este período seja uma «rampa de lançamento» para boas notas.

Serafim

Colecção

EDITORIAL da Casa do Gaiato

Livros de Pai Américo:

Pão dos Pobres (quatro volumes), Obra da Rua, Isto é a Casa do Gaiato (dois volumes), Barredo, Ovo de Colombo, Viagens, Doutrina (três volumes), Cantinho dos Rapazes, Notas da Quinzena e De como eu fui... Crónicas de viagem.

Livros doutros autores: Subsídios para o estudo do pensamento pedagógico de Pai Américo, Dr. João Evangelista Loureiro; Calvário, Padre Baptista (esgotado); A Porta Aberta, Pedagogia do Padre Américo — Métodos e vida, obra compilada por Dr.ª Maria Palmira de Moraes Pinto Duarte; e Lodo e as estrelas, Padre Telmo.



Esta parte do Barredo (Porto) era um «cemitério de vivos». Agora, não — graças ao CRUARB. Quem dera os homens responsáveis «por um tal Feito» possam avançar até ao fim...! Seria a melhor prenda aos povos da zona ribeirinha do Douro, na sequência do Centenário do Pai Américo.

Tribuna de Coimbra

O Menino Jesus continua a ter muitos amigos. E nós, por Ele, também. O Natal deixou-nos cheinhos de mimos. Têm razão os nossos mais pequenitos: — Quando volta a ser Natal?

Nos últimos cinco meses, deste ano, também apareceram Amigos. Um entregou cinco contos, a vendedor, em Coimbra; o mesmo, que família levou ao nosso Lar; 1.500\$, a outro vendedor; Amiga, de Monte Real, com dez; mil, mais mil, em Regueira de Pontes; 14.380\$, de grupo de Amigos das Missões, de Cucujães; cinco, em cheque; 2.000\$ de Torres Novas; mil, da Palheira; cinco, de Santa Clara; cinco, de doente, na Praia; outro, de Soure, 40.000\$; 1.500\$ de Ceira; o mesmo, de Coimbra; mil, de Cabeças; 4.500\$00 mais 1.000\$, de vizinhas; dez mil, de amigo vizinho; mil, de Lisboa; 500\$ de promessa; mil, de Soure; 970\$ de visitantes; cinco mil, mais mil, mais quinhentos na minha aldeia.

Mil, de visitantes; mil, em Monte Real; cinco mil, de sacerdote que passou; dois mil, de casal visitante; mil, de vizinho; cinco mil, de Amiga, de Coimbra; sete mil, de Cas-

telo Branco; dez mil, de amigo francês; mil, de Lisboa; 10.615\$ de Castanheira Pêra; mil, de mãe aflita; cinco mil, dum dos nossos; 550\$ de visitantes; mil, de Mira; 723\$ de visitantes; 500\$ de Amiga, empregada nos Hospitais; 52.225\$ de grupo católico, em França; cinco mil, de Amiga de sempre; dez, mais dois, de sacerdote; mil, de casal, das Meãs; 21.000\$ de Amiga, de Coimbra; 350\$ de grupo que passou; 1.500\$ de vizinho; 200\$ do Fundão; 500\$ de Cabeçudo; vinte, em Leiria, pela mãe; 5.000\$, mais 1.000\$, mais 500\$, de visitantes de Figueiró dos Vinhos. Mil, de Coimbra; cinquenta, de Tomar; mil, em Coimbra; 2.500\$ da Freixianda; três mil, de Arganil, pelo marido; cinco, de Santa Clara; 500\$ de algures; três mil, de casal da Lousã; 1.500\$, mais 1.000\$ de mãe e filha; três mil, de quem nos vem ajudar muitas vezes; 500\$ de Arganil; mil, do Luso; 1.500\$ de Chãs; mil, mais 400\$, de visitantes; dez, de Amiga, de Coimbra; 600\$ da Nazaré; 1.800\$ de jovens, de Alvorge; cinco mil, levados ao Lar; cinco mil, de Vicentinos,

de Castelo Branco; dez, de sacerdote; cinco, de casal visitante; 3.000\$ de S. Martinho; 20.745\$ de Vicentinos, de Abrantes; cinco, de Tomar; 2.500\$ por Pedro Pais que tinha 18 anos. O Senhor Deus o tenha em Paz; cinco, de promessa, de Leiria; cinco, de Anónimo, de Castelo Branco; vinte, de sacerdote; uma remessa de envelopes e embrulhos, da Casa do Castelo; 500\$ da Sertã; 5.000\$ de velha Amiga, de Almada; 4.837\$ de Vila Seca e Assafarge; cinco, da Covilhã; dois mil, de Coimbra; 5.000\$ mais 500\$ que senhora vizinha veio trazer; cinco, de casal, de Figueiró dos Vinhos.

Dois, de Amiga, de S. Jorge; mil, de Amigo, de Azóia; três, pelo Pároco de Tomar, da congua de sacerdote; mil, da Vieira; 6.000\$ de senhora vizinha; doze, de Castelo Branco; 2.500\$ de Segade; 4.300\$00, de Cascais; 25.000\$ de visitantes, de Lisboa; 3.365\$ de visitantes, de Tovim; 1.070\$00 da Mealhada; cinco mil, de Amiga, de Pombal; mil, do Luso; cinco, de vizinha pelo marido; 2.500\$

de senhora, do Porto; 500\$ de Aveiro; dez, de professora; 89.730\$ mais 4.200\$, de vidro, da Câmara de Coimbra; 300\$ de Vilar Formoso; cinco, de sacerdote; 500\$ de Amigo, de Lisboa; dez mil, de Amigo, de Pombal, prémio do totoloto; 3.500\$ de Coimbra; 5.000\$ de casal, de Pereira do Campo; 3.000\$ de Amiga, de Bruscos; trinta mil, por vendedor da Covilhã; cinco, das Vicentinas, de Cantanhede; 2.000\$, mais mil, mais 10.000\$, levados ao Lar; cinco, de Amiga, da Covilhã; o mesmo, de Castelo Branco; três mil, por vendedor; dez, de Amiga, de Coimbra; mil, de Mira; cinco, de Coimbra; dez, da Figueira da Foz; quinze, de Casal de Leiria; vale, do Luso; dez, de sacerdote; 1.500\$00 e figos, de Amiga, de Alcorochel; quinze, de Amiga, de Lisboa; dez, de Leiria; vinte, de casal nosso, brasileiro; três mil, de Amadora.

Sessenta e oito, de Coimbra, a pedir oração pelos filhos; dois, da Figueira da Foz; vinte e dois, da Covilhã; mil, da Curia; mil, de Coimbra; cinco mil, de Penacova; 1.500\$00 de Arganil; mil, de senhora com 83 anos; outra remessa de envelopes e embrulhos, na Casa do Castelo e a Maria Teresa muito contente a fazer a entrega; cinco mil, a vendedor, em Castelo Branco; dois mil, a vendedor, em Tomar, 13.717\$50 dos Vicentinos, em Leiria; dois mil, de Anadia, ao vendedor; roupas, de casal, de Pombal; duas remessas de castanhas das Irmãs de Trancoso; dez, de Amiga, de Coimbra; 4.500\$ pela filha; 500\$00 da Presa de Mira; mil, de Cercal; mil, de David; mil, de um Lar em Leiria; cinquenta mil, da Câmara de Coimbra; dez mil,

de sacerdote; 826\$50 deixados na P. S. P.; 2.657\$ da Igreja da Mealhada.

Cinco mil e seiscentos e muitos mimos, de alunos da Escola anexa de Coimbra; dois mil e peça de pano, de Amiga, de Monte Real; vinte e cinco mil, de Amiga, da Marinha Grande; dois mil, de senhora muito amiga, de Castelo Branco; 3.000\$, mais 1.000\$, mais 20.000\$, mais 500\$ levados ao Lar; 25.000\$ de casal amigo, agora a viver em Alpiarça; vinte mil, na minha aldeia; cem, de casal muito amigo, de Sangalhos; cinco mil, de Amiga, de Coimbra; dez mil, de Coimbra; dez mil, de Condeixa; dois fardos de bacalhau, em Aveiro. Que contente fiquei! 16.950\$ de Funcionários de Finanças, de Coimbra; 1.500\$ de Amiga, agora em Albufeira; 13.250\$ de grupo de alunos da Escola Técnica dos Serviços de Saúde de Coimbra; cinco mil, de Amiga, da Lousã; mil, de S. Romão; quatro mil, de Amigo, de Mortágua; dez, de senhora vizinha; 1.500\$ de Amiga, de Lisboa; cinco mil, de «reformado», de Aveiro; mil de Amiga, de Amadora; 20.000\$ de Amiga, de Condeixa; mil, de anónimo, de Leiria; cinco mil e roupas de casal, da Lousã; 89.540\$ e muitas coisas boas dos Vicentinos de Castelo Branco; cem, que Amigo, de Lisboa, veio trazer; dez, de Pombal; dez, de mãe, de Coimbra, a lembrar o filho.

E todas as prendas de Natal ficam hoje por publicar. Já não temos mais papel nem tempo! Havemos de saboreá-las na próxima edição. E o Senhor Deus tenha tudo à Sua conta.

Padre Horácio

Capelas imperfeitas

Cont. da 1.ª pág.

pode funcionar mais ou menos próxima do hospital mas sempre com autonomia) acolherá até ao fim a vida daqueles para quem se prevê curta duração e servirá a convalescença de outros que — quem sabe? — até podem recuperar a sua validade e se tornem capazes de outro encaminhamento.

Este serviço — não haja ilusões! — tem de ser obra de «pelicanos» e não de funcionários. O Estado, com a sua burocracia, não é capaz; e o que fizesse seria de qualidade duvidosa e muito caro. Mas nem por isso está desresponsabilizado. Primeiro, que não estorve a acção dos Voluntários; segundo, que ajude no que lhe for pedido. Assim se desobrigará do seu dever, com a certeza de que o melhor será conseguido com o mais baixo custo.

É interessante que a inquietação pela urgência desta resposta (e vão trinta e muitos anos passados sobre a denúncia e a acção exemplar de Pai Américo!) não lavra sulco apenas nas gentes do Hospital de S. João do Porto. Sabemos que no Santo António, também, e em outros países, igualmente.

Ainda, há pouco, estive entre nós um médico do Hospital Internacional de Paris, que se dedicou totalmente ao doente sem expectativa de cura e veio trazer-nos o testemunho da sua experiência. É uma experiên-

cia que visa um aspecto parcelar de toda a amplitude com que este problema do incurável se nos apresenta e experiência sobre a realidade social francesa. Foi um testemunho sempre enriquecedor, mas para julgar com lucidez. Parece-me que seria insensato traduzi-lo à letra para a nossa realidade social.

Creio que Pai Américo viu mais longe e de modo mais adequado às nossas realidades. De resto, ele foi sempre um homem de soluções que hão-de nascer pequeninas «como é próprio das coisas destinadas a ser grandes». Soluções caseiras, que caibam no princípio de que «todo o regresso a Nazaré é progresso social cristão». E um Calvário (chame-se o que se lhe quiser chamar) porque obra que se pretende densamente humana, é necessariamente cristã. Só tem cabimento num clima de cultura cristã, sem com isto querer significar que haja de ser necessariamente confessional.

Que os nossos «inquietaos» do S. João não desanimem. A primeira dificuldade a vencer é a inércia, que é força muito poderosa. A primeira batalha a travar é convencer os prudentes do século de que tudo o que deve ser, pode ser. Meios materiais são sempre o mais fácil quando se dispõe de inteligências e de vontades capazes de mobilização.

Padre Carlos

DOCTRINA



● Mais um pacote de tabaco «para distribuir pelos pobres Presos da cadeia». Que coisa gigantesca este pequenino dar! Ele há um mundo de gente que vive dos Presos, não para os Presos; e por isso mesmo não os conhecem; nem a sua história nem o seu sofrer — nada!

● Vivo, não de, mas para eles. Tenho entrado em cadeias onde nunca ninguém entrou senão para cerrar as portas aos que lá ficam dentro. Tenho celebrado Missa em altares improvisados e dado aos pobres Reclusos o Cristo vivo, na presença de magistrados e mais gente da terra — senhores e escravos, gregos e romanos, livres e condenados — tudo no mesmo plano, debaixo das mesmas telhas, ligados pelo mesmo sentir, na presença do mesmo Pai — a igualdade transcendente e perfeita que

Cont. na 4.ª pág.

Lar Operário em Lamego

O homem é muito limitado, em qualquer aspecto que se considere. Este pensamento tem-me dominado de modo extraordinário e permanente. São tantos os casos de irmãos que sofrem, a pedir, já não digo solução mas algum alívio, e pouco mais faço do que franzir a testa, ouvir e mostrar interesse pelo que ouço.

O Afonso tem 42 anos e há meses que está internado no hospital. Vivia só, numa casa sem telhado, sem janelas, sem portas. Ali, fazia tudo... Diz o povo que um mal nunca vem só; e o Afonso deu um trambolhão. Por este motivo é que foi internado, mas passados breves dias ficou curado dos ferimentos. E agora?!

Fui visitá-lo ao hospital. Por ali todos estavam preocupados na solução do problema. O hospital não é asilo. O Afonso não tem quem o receba. A assistente social por um lado, eu por outro, os médicos cheios de boa vontade procurávamos uma casa, um Lar que o recebesse.

Estas diligências duram há mais de dois meses. Em cima da cabeça do Afonso estava

sempre a sentença de ser mandado para a «casa», pois a cama era precisa para outro doente. Houve diálogos um pouco «duros», provocados por um certo desespero. Chegou-se a afirmar que não valia a pena dar alta... Bastava abrir a enfermaria e indicar ao Afonso uma vinha que está em frente. E isto aconteceu nos últimos dias de 1987:

— Onde está o Afonso?... Onde tem pernoitado?

Talvez por causa da queda, o Afonso perdeu a fala e só emite sons. Aos pedidos de alojamento, no Porto e em Coimbra, todos afirmaram que não podia ser. O Afonso é um diminuído profundo e, por isso, nem qualquer estabelecimento tem estruturas próprias. Até agora não apareceu ninguém a querer recebê-lo como pessoa humana.

Sabemos que esta notícia vai ser lida por milhares que se dizem apaixonados. Pois que o sejam, de verdade. Então, lançamos um apelo: Quem souber dum lugar para acolher o Afonso, é favor telefonar para (054)62231, ou (054)62979, de Lamego, e dizer: — Venha já.

Padre Duarte

CALVÁRIO

■ 25 (NATAL) — Foi feliz o nosso Natal: Os Amigos vieram com rabanadas e bolos confeccionados «de propósito» para nós. Lia-se o carinho. Presente o lume na lareira do salão. A mesa recheada. Os cânticos. Cantou a nossa Alice (cega de nascença). Canta primorosamente!

Enquanto cantava, lembrei a cena, de há dias... Eu conto:

Chegaram umas senhoras que se encontraram com ela no largo da Aldeia. Ao notarem que era cega, dispararam: «Ai, coitadinha!» A Alice parou e retorquiu com vivacidade: «Coitadinha porquê? Eu não sou nenhuma coitadinha! Estou na minha casa e estou muito feliz».

Vejo o olhar pasmado das senhoras pela lição recebida.

É. Os doentes não são coitadinhos. Nunca os olhemos do pedestal da nossa saúde, do nosso poder e segurança. Eles é que estão no pedestal! Olhemos nós, de baixo, os príncipes do amor e da paz!

■ Dia 1 — Mais um ano!

São sempre iguais, no Calvário, os dias e os anos: Comer, deitar, levantar... Para os açamados, o mergulho no tempo. Tempo sem medida...

Até é bonito o muro que cerca a quinta! Pedras e eras! Mais austero, o muro invisível que nos separa das seivas, das raízes e das primaveras...

O «Melro» vive dentro deste muro, para ele implacável. Nem família nem amigos. Ele não sente. Foi jogado fora. Era um peso. Um perigo para as relações sociais. Um naufrágio para «o parecer bem»; pois o deficiente não parece — é.

Pensando, hoje, no «Melro», recordei, maravilhado, um amigo num lugar da freguesia de Outeiro (Montalegre), lá nas alturas do Barroso — que

tem três filhos deficientes.

Como ele os trata!

Que carinho ao dar o banho e as refeições!

Quanto amor nos seus olhos de pai!

Um grande Homem, à altura dos cumes.

Ele nos leva a ter fé na vida e nos eleva com toda a ternura do seu coração de pai!!

■ 2/1/88 — Despedimo-nos do Júlio. Sempre nas férias vem dar uma ajuda. «Mas quem é o Júlio?» Eu digo: É um jovem com o curso de Engenharia, a frequentar o 1.º ano de Filosofia no Seminário de Coimbra. Ferido, em pleno voo, pelo Senhor, caiu na vereda da nossa Obra...

O caminho não é nada fácil! Que Ele o ajude e vá iluminando o estreito caminho.

Também a D. Lurdes — de Mata-Mourisca — passou conosco as férias do Natal. Veio ajudar. «Cativou os doentes e eles deixaram-se cativar!»

Pai Américo ficava triste quando, depois das Colónias de Férias, tinha que entregar outra vez os rapazes à rua...

Que o Senhor faça germinar no coração de D. Lurdes a mesma tristeza — humildade que faz a semente ser broto que rompe a crosta do chão.

«Vou encantada! Nunca passei um Natal tão feliz!»

Atenção ao... «vem e segue-Me!»

Padre Telmo

AQUI, LISBOA!

Cont. da 1.ª pág.

frio); rouparia e complementos; uma pequena enfermaria e um consultório.

Os trabalhos, sempre que dispensável o recurso à mão de obra estranha, são realizados pelos Rapazes, segundo a sua capacidade, tendo em vista a própria pedagogia da Instituição, de formação activa, em que o educando é peça basilar na sua própria educação, contribuindo para o bem comum e sendo chamado a contas pelas responsabilidades que lhe são cometidas. Uma hierarquia de chefes, do maior aos mais pequenos, assegura o funcionamento das variadas actividades. Para os trabalhos mais responsáveis, em escala todas as semanas coligida, há rotação de misteres.

Deixamos para outra ocasião uma abordagem das oficinas e das actividades agro-pecuárias, bem assim uma referência a outros sectores da Aldeia; para falarmos ainda das Escolas.

Dentro da Casa há um edifício destinado ao Ensino Primário, com cinco salas de aula, cuja direcção compete a tantos outros Professores, um dos quais, porém, se dedica a tempo inteiro aos Rapazes, na escola, na catequese, no acompanhamento do estudo, etc. Presentemente, nos estabelecimentos oficiais, fora de casa, há 21 Rapazes, para lá de 4 estudantes-trabalhadores no ensino nocturno. O edifício foi cons-

truído e apetrechado, quase na sua totalidade, pela Obra da Rua.

truído e apetrechado, quase na sua totalidade, pela Obra da Rua.

A existência de escolas primárias privativas justifica-se pela necessidade de darmos respostas prontas às necessidades que se nos deparam: situação de escolaridade especial, em vista das carências dos mais variados tipos existentes; ingresso na Instituição repartido ao longo do ano; escolaridade atrasada, quando não inexistente à chegada; e idade legal ultrapassada para a entrada no ensino oficial. É preciso não esquecer o tipo de pessoas que constitui o grosso da Comunidade, com idade mental média inferior à idade cronológica, em que os saltos qualitativos nem sempre são possíveis, pelo menos com uma certa celeridade e para além de certos limites.

Vale a pena referir aqui que, desde Julho de 1934, as Instituições como as Casas do Gaiato tinham capacidade para propor os Professores para as suas Escolas Primárias, o que lhes permitia «seleccionar», passe a expressão, os Mestres dos seus Rapazes, numa integração, pelo menos previsível à partida, nas características da Obra, tendo em vista a sua especificidade, natureza e fins. Infelizmente, tal direito foi revogado, pura e simplesmente, sem ouvir os interessados, pelo decreto-lei 412/80; e, apesar dos esforços feitos posteriormente, não se conseguiu repor a situação anterior, com manifesto prejuízo de todos e até — porque não dizê-lo? — com alguns dissabores e contratempos à mistura. Pensamos que merecíamos, pelos serviços prestados, outro tipo de resposta por parte do Ministério da Educação.

Bem, por hoje é tudo. Continuaremos numa próxima oportunidade, para que melhor nos conheçam e possam entender o nosso modo de viver.

◆ Queremos agradecer aos nossos «agentes», na Capital, a colaboração prestimosa, mais uma vez verificada no ano findo, ao receberem as encomendas, donativos e outras dádivas destinadas à Obra da Rua e, em especial, a esta Casa. São elas: Montepio Geral (Secretaria), R. do Carmo, 62; Franco Gravador, R. da Vitória, 40; Maison Louvre, Rossio, 106; e Ourivesaria 13, R. da Palma, 13. Obrigado, Amigos! Claro, o nosso Lar, R. Ricardo Espírito Santo, 8 r/c, telef. 666333, continua ao dispor de todos.

Júlio Mendes

Padre Luiz

DOCTRINA

Cont. da 3.ª pág.

nem sequer de vista conhece essa outra das cartas oficiais, antes de o «A Bem da Nação»! A este senhor que esconde o seu lindo nome dentro de cigarros feitos, um caloroso muito obrigado.

● Os visitantes de cadeias entram dentro delas em vísceras de misericórdia; e vêem nos degradados coisas que escapam à Justiça e à Lei — porque ambas cegas. Eles sentam-se à beira dos prisioneiros com o coração na mão e descobrem dentro deles a família que desmoraliza, a taberna que desgraça, o amigo que alicia, a sociedade que não faz caso; e, como muitos já perderam a sensibilidade das lágrimas, choram com eles e por eles os visitantes de cadeias.

● O crime daquele com quem falam, é feito, às vezes, de crimes de outros senhores que nunca lá entram, porque a Justiça é cega; não vêem mais do que a Lei e isso não basta para fazer Justiça. E desejaríamos eles, os visitantes de cadeias, ajoelhar diante dos desgraçados, de cujo semblante toda a gente se arreda como no tempo das grilhetas; porquanto, a medida de compaixão de quem visita cadeias, é a miséria dos que lá moram dentro.

● Deixar o livro são, na cela dum Recluso celular, é encher a vida de Esperança e de pensamentos sadios, a um dos nossos Irmãos esquecidos de toda a gente. E, para acudir a tanto precisar, não temos mais nada além do dom precioso que Deus nos deu, de chorar no regaço dos Pobres todo o abandono imperdoável dos ricos — e isso nos basta, Senhor!

D. Amén!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 1.º vol.)

Novos Assinantes de O GAIATO

A época de Natal sensibilizou mais gente a inscrever-se n' O GAIATO; outros, a levar o Fogo a muitos homens de boa vontade!

Em Sande (Marco de Canaveses) o Famoso é já companhia de cem famílias, aproximadamente. Tiveram a felicidade de acolher os «Batatinhas» — antes do desfazer das Festas!

Houve um despertar, dos nossos Amigos, em terras de Arrifana e S. João da Madeira. Registámos um ror deles.

Mas, entre os grupos de leitores, permitam um destaquezinho para uma lista de Aljustrel (Baixo Alentejo).

Mais acima, de Vendas Novas, chega o assinante 10248, mãos dadas a uma «senhora professora primária que quer ser assinante d' O GAIATO». Como as Escolas moldam os homens d' amanhã, O GAIATO pode ser pequenino instrumento de consciencialização de valores, para além das sebetas.

Outra nota, da procissão, tem a ver com gente solitária que desperta para os Outros:

«Nosso Senhor me dê coragem para viver nesta tão cruel solidão, principalmente na quadra de Natal. Arranjei, entretanto, duas novas assinaturas...»

O Famoso continua em expansão no seio das famílias dos nossos leitores.

Leiria:

«Há tempos, escrevi no sentido de inscrever a minha mãe assinante d' O GAIATO. Pois bem, já o recebeu e ela mesma arranjou mais três assinantes, meninas adolescentes que poderão ser a 'semente' para mais Amigos...»

Sacavém:

«Meu pai assinava o vosso jornal, há muitos anos; minha mãe, que manteve a assinatura, também faleceu recentemente.

Porque pretendo manter uma tradição que sempre conheci em minha casa, passem a considerar-me assinante d' O GAIATO.»

Lisboa:

«Venho inscrever-me assinante do jornal e das vossas obras de livro.

Sou familiar duma pessoa que, em vida, foi assinante. Após a morte sei que demos alguns livros, misturados em papéis inúteis. Mais tarde, alguma coisa me despertou a curiosidade para ler um que ficou, algures, da autoria do Padre Américo. Procurei em todos os cantos da casa encontrar mais. Ainda salvei uma ou duas obras. Apaixonei-me, verdadeiramente, pela Obra da Rua! Hoje, lamento como é possível ter tido ao meu alcance tanta coisa bela para conhecer e nunca fui acordada para apreciar e aprender com tão bom mestre a observar os nos-

os problemas sociais. Agora, se ainda for possível, quero recuperar as obras que perdi, inconscientemente.»

Vale a pena citar Amigos que pediram O GAIATO directa e pessoalmente.

Coimbra:

«Junto cheque para uma assinatura do jornal. Há muito, já, que andava a pensar na concretização desta ideia, pois sou um dos que vê na Obra da Rua a Obra de todos nós.»

Aveiro:

«Vou, por vezes, à Missa à Sé de Aveiro e sempre que vejo O GAIATO compro e leio com atenção. Interessam-me certas coisas que contam no jornal. Por isso, gostaria me inscrevessem como assinante.»

Todo o País de norte a sul vai representado na procissão. Até os portugueses em diáspora por vários cantos do Mundo: França, Alemanha, Estados Unidos, Canadá, Espanha, África, etc.



Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm.: Casa do Gaiato-PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel-Tel. (055) 952285
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-Paço de Sousa-4560 Penafiel